



## UM OLHAR SOBRE OS DIFERENTES SENTIDOS PRESENTES NOS VERBETES "EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA" E "ENSINO REMOTO": A PROPOSTA DO VOCABULÁRIO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Verli PETRI (UFSM)<sup>1</sup>

Maiara Albuquerque de AGUIAR (UFSM)<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo busca realizar uma análise dos verbetes “Educação a Distância” e “Ensino Remoto”, tal como estão definidos no *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus* (disponível no site da UFSM), identificando os diferentes sentidos que circulam nos discursos das mídias digitais jornalísticas em tempos pandêmicos, conforme a proposta do *Vocabulário*. Este trabalho está inscrito na Análise de Discurso de base materialista, ocupando-se em refletir sobre a definição de práticas sociais que tornaram-se corriqueiras no Brasil, em tempo de pandemia. Nesta perspectiva, a partir dos materiais apresentados e analisados, o estudo identificou lacunas e saturações de sentidos produzidos durante a pandemia na área da educação, as quais contribuíram para a ampliação de problemas já existentes, os quais ficam tantas vezes silenciados nos discursos veiculados nas mídias digitais.

**Palavras-chave:** Discurso. Vocabulário da pandemia. Educação a Distância. Ensino Remoto.

**Abstract:** This article seeks to carry out an analysis of the entries “Distance Education” and “Remote Teaching”, as they are defined in the Vocabulary of the new coronavirus pandemic (available on the UFSM website), identifying the different meanings that circulate in the discourses of digital media news in pandemic times, as proposed by the Vocabulary. This work belongs to the Discourse Analysis field with a materialist basis, aiming to reflect on the definition of social practices that became commonplace in Brazil, in times of a pandemic. In this perspective, the study of the materials presented identified gaps and saturations of meanings produced during the pandemic in the area of education, which contributed to the expansion of already existing problems, which are so often silenced in the speeches broadcasted on digital media.

**Keywords:** Discourse. Pandemic vocabulary. Distance Education. Remote Learning.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Professora Titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista em Produtividade do CNPq – PQ2. Tenente Portela, Brasil. E-mail: [verli.petri72@gmail.com](mailto:verli.petri72@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduada no curso de Bacharelado em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pesquisadora do Grupo PALLIND. Santa Maria, Brasil. E-mail: [maiaraaguiarb@hotmail.com](mailto:maiaraaguiarb@hotmail.com)



## 1. Introdução

“O que pode uma palavra? Pode ferir e pode curar! Tais efeitos de sentido da palavra sobre o sujeito se realizam pelo funcionamento da ideologia, de acordo com o direcionamento que os sentidos ganham.” (PETRI, 2020, p. 37).

A pandemia do novo coronavírus impactou o mundo todo e trouxe para a vida dos sujeitos uma quebra de paradigma do que seria o “normal” (CANGUILHEM, 2009). A covid-19 chegou ao Brasil em março de 2020 e fez com que a vida do povo brasileiros fosse bastante alterada, uns mais do que outros. Alguns hábitos “novos” tornaram-se necessários, tais como: o uso de máscara, o uso do álcool em gel nas mãos e nas superfícies, o distanciamento social dos que estavam “teoricamente” saudáveis (mas sempre suspeitos), o isolamento social dos que estavam doentes, etc. No mundo do trabalho, a necessidade de mudança também foi obrigatória e alterou a vida de muitos profissionais.

Dentre esses profissionais, o que passou por grande pressão e diversas mudanças foi o(a) professor(a), representante da educação. Essa classe se destaca, em nossa pesquisa, porque a educação teve que passar por diversas modificações para se adequar às adversidades impostas e, principalmente, continuar funcionando fora dos educandários durante a pandemia, o que ocasionou uma série de transformações e acarretou diversos problemas. Tais problemas tiveram diferentes interpretações e podemos dizer que muitas delas foram equivocadas e outras tantas vieram a público, muitas vezes, mascaradas pela mídia. O espaço contraditório de constituição do sujeito professor em suas relações com a informatização da educação tornou-se muito mais evidente nesse período histórico.

Tantas mudanças produziram tantas outras possibilidades de interpretações, e, diante dessa realidade social desafiadora, diversos pesquisadores sentiram a necessidade de estudar os sentidos em circulação durante a pandemia. Uma das iniciativas que surgiu dessa necessidade coletiva materializou-se na construção do *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*<sup>3</sup>. Tal Vocabulário tem sido tomado como um “artefato de leitura” (WINNER, 2017) da maior relevância, reunindo “sugestões de definições” (DOTOLLI; BOCCUZZI, 2012). Ele foi proposto pela professora Verli Petri, está disponível no site da UFSM e apresenta palavras, no formato de verbetes, com sugestões de definições que têm circulado em veículos da imprensa nacional escrita no espaço digital, desde 2020. O grupo de 26 pesquisadores é formado por

---

<sup>3</sup> Cf. <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus/>



graduandos, mestrandos, doutorandos e doutores já formados e com produção consolidada, representando 10 Instituições de Ensino Superior brasileiras, sendo que sua construção foi realizada de forma conjunta e “compartilhada” (BIAZUS, 2019).

Em maio de 2023, foi lançada a edição impressa e em PDF<sup>4</sup> do *Vocabulário*. Tal versão não apresenta todos os verbetes, pois foi editorada em 2022 e a produção de verbetes continuou até 2023, totalizando 80 verbetes (disponíveis no site da UFSM, conforme nota de rodapé número 3). O encerramento do projeto de produção de verbetes para o *Vocabulário* coincidiu com a data em que a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou o fim da emergência em saúde causada pela pandemia do novo coronavírus, ou seja, em maio de 2023.

De fato, tal produção segue ressoando e produzindo sentidos, alimentando as pesquisas dos integrantes do Grupo PALLIND<sup>5</sup> e demais interessados, resultando em capítulos de livros, artigos em periódicos, mesas-redondas, conferências, etc. Nesta esteira é que propomos a nossa reflexão, sendo que, dentre os verbetes presentes no vocabulário, selecionamos dois para este estudo: “Educação a Distância” e “Ensino Remoto”.

A partir da breve descrição que fizemos do *Vocabulário*, passamos a indicar o caminho por nós trilhado para a elaboração deste artigo. Num primeiro momento, apresentamos as definições dos dois verbetes escolhidos, estabelecendo um contraponto entre o que se tinha antes e o que se produziu durante a pandemia, num esforço de explicitar repetições e diferenças. Na sequência, nos propomos a analisar os verbetes produzidos pelo grupo e publicados no *Vocabulário*, focando na reflexão sobre como os sentidos circularam nos discursos presentes nas mídias digitais na pandemia da covid-19. É pela mobilização de noções advindas da Análise de Discurso que buscamos identificar diferentes movimentos de produção e sentidos, explicitando, por um lado, lacunas no dizer (não-ditos, silêncios) e, por outro lado, as saturações no dizer (mais do mesmo).

Nesta direção, o presente artigo persegue o objetivo de compreender, após a análise dos ditos e não-ditos contidos nos exemplos retirados das mídias jornalísticas digitais de ambos os verbetes, os modos de produção de sentidos e as alterações que se efetivam em tempos pandêmicos. Tais efeitos de sentidos, certamente, impactam na produção e na circulação de sentidos sobre a educação brasileira no período pandêmico e no que período que o sucede, a nossa atualidade.

---

<sup>4</sup> Cf. <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus/>

<sup>5</sup> Grupo de Estudos Palavra, língua e discurso, vinculado ao Laboratório Corpus e ao Programa de Pós-Graduação da UFSM, coordenado pela Profa. Verli Petri, desde 2018.



## 2. Antes da Pandemia: Definições dos Verbetes segundo o dicionário Caldas Aulete Online<sup>6</sup>

O cenário da educação que vigorava antes da pandemia era predominantemente o do ensino presencial, padrão até o momento. Este modo de ensino era ofertado aos alunos de escolas e universidades, o qual possibilitava o contato direto entre estudantes e professores, na instituição de ensino. Outra opção que também vigorava, em menor escala, era a da Educação a Distância (EAD), na qual os alunos de ensino superior podiam optar por realizar seus estudos em casa, através de meios tecnológicos, pois ao matricularem-se já eram informados das condições de ensino sem ou com raras oportunidades de presencialidade.

Com o início da pandemia surgiu o Ensino Remoto, opção adotada para que as aulas não parassem completamente durante o isolamento social. Esta forma de ensino diverge em alguns aspectos do que se convencionou chamar de EAD, sobretudo por ser uma modalidade adotada em momento de calamidade, sem aviso prévio, sem planejamento e sem a devida preparação de professores, alunos e gestores. Tal realidade impactou bastante e trouxe com ela uma profusão de interpretações possíveis, colocando em funcionamento uma “memória discursiva” (ORLANDI, 2012) mais ou menos estabilizada do que seria ensinar e aprender pelo computador, *tablet* ou celular. Essa situação trouxe à baila preconceitos que já circulavam acerca da qualidade de um ensino não-presencial, trazendo consigo a necessidade de se nomear essa nova modalidade e de atrelar sentidos a ela.

Para estudarmos essa realidade que a pandemia impôs, propomos olhar para os “instrumentos linguísticos” (AUROUX, 1992), enquanto “objetos discursivos” (NUNES, 2006) a ler. Buscamos acessar os sentidos em circulação no espaço dicionarístico, no período anterior à pandemia, e, para isso, elegemos para consulta o Dicionário Aulete Digital, no qual buscamos os verbetes: “Educação a Distância” e “Ensino Remoto”.

a) Significados para o verbe Educação a Distância, segundo o Aulete Digital:

### Educação a Distância:

1. Processo educacional e de ensino no qual não existe proximidade física entre aluno e a fonte de ensino, sendo realizado por meio de programas de televisão ou de rádio, correspondência postal etc.

---

<sup>6</sup> Sobre o dicionário consultar em: [https://aulete.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital&op=o\\_que\\_e](https://aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=o_que_e).



b) Significados para o verbete Ensino Remoto segundo Aulete Digital:

Ensino Remoto:

(en.si.no)

1. Ação, resultado ou processo de ensinar, de transmitir conhecimentos.
2. O conjunto de métodos e técnicas utilizados nesse processo.

(re.mo.to)

1. Que se encontra distante no tempo ou no espaço (região remota; acontecimentos remotos).
2. Que pode ser acionado a distância (controle remoto).

A leitura destes verbetes logo indica que não há registro do sintagma que reúne as palavras “Ensino Remoto”, somente vamos ter o significado completo pesquisando os dois verbetes em entradas separadas. Em nossa interpretação é possível dizer: Ensino Remoto é a ação de transmitir conhecimento através de métodos e técnicas acionados a distância. Em contraponto, o verbete “Educação a Distância” compõe um sintagma com sentidos estabilizados, trazendo consigo uma memória, o sujeito já consegue acionar sentidos postos em algum lugar do interdiscurso, pois já está dicionarizado e em circulação há bastante tempo.

Com isso, torna-se possível compreender como se organizavam os sentidos que circulavam nos dicionários antes da pandemia, considerando que a modalidade de Educação a Distância já existia; e que a modalidade Ensino Remoto ganha força na determinação do substantivo “ensino” pelo adjetivo modificador “remoto” durante a pandemia. Tal construção - “Ensino Remoto” - nos interessa especialmente, posto que comparece com frequência em publicações das mídias digitais escritas de 2020 em diante, vindo a comparecer, inclusive, no “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, nosso objeto de estudo.

### **3. Definições dos Verbetes no “Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus”**

De fato, vivemos um período de muitas adaptações e a educação passou por diversas mudanças e teve que se encaixar em novos padrões impostos durante a pandemia. As aulas presenciais tornaram-se remotas, variando entre síncronas e assíncronas e, então, professores e alunos buscaram formas de continuar os estudos mediante as suas possibilidades. O Ensino Remoto, nova forma de ensino utilizada na educação durante a pandemia, apresenta um formato bastante diferente da Educação a Distância, já historicamente realizada no Brasil do século XXI, no entanto, muitas vezes, os dois modos são tomados como sinônimos, abrindo espaço para o



equivoco. Buscando a desconstrução de tal equivoco, trazemos as definições dos dois verbetes, tal como foram elaboradas durante a pandemia e publicadas no “Vocabulário” em análise.

Segundo o Vocabulário (2023, p. 36-37) a “Educação a Distância” é definida como: “é a modalidade educacional na qual estudantes e professores estão separados, física ou temporalmente e, por isso, faz-se necessária a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação”. Essa forma de ensino, abreviada com a sigla EAD, já vigorava antes da pandemia em algumas faculdades e universidades, sendo ministrada de forma on-line e através de encontros presenciais apenas para retirada de dúvidas e realização de provas.

Visto que anteriormente à pandemia não havia uma história dicionarística sobre o verbebo Ensino Remoto, a identificação de seu uso com o início da pandemia demandou a produção de sentidos, interpelando os pesquisadores que produziram o *Vocabulário*. Sendo assim, segundo o Vocabulário (2023, p. 40-41), “Ensino Remoto é o modelo de ensino adotado durante a pandemia do novo coronavírus, mediado ou não por tecnologias digitais de informação e comunicação, em substituição ao ensino presencial”. Esse modelo de ensino passou a funcionar durante a pandemia. No decorrer de sua aplicação apresentou-se repleto de obstáculos para professores e alunos, grande parte por falta de acesso à internet, outra parte por dificuldade de acesso às famílias da zona rural, entre outros.

Para explicitar a diferença entre os dois verbetes em estudo, o *Vocabulário* salienta essa questão na continuação da definição de “Educação a Distância” da seguinte forma:

O que diferencia, por exemplo, a educação a distância do ensino remoto é o fato de que aquela tem estrutura metodológica consolidada e aprovada em legislação pelo Ministério da Educação, e este, em decorrência da pandemia do novo coronavírus, foi sendo regulamentado por diversas portarias, resoluções, notas técnicas e orientações, elaboradas por órgãos e instituições de ensino. (Vocabulário da pandemia do novo coronavírus, 2023, p. 36-37).

Por tudo isso exposto até aqui, com a leitura das duas definições em conjunto com a descrição das diferenças, torna-se compreensível que os verbetes não atuam como sinônimos, o que justifica nossa proposta de explicitar, via análise, a definição e os impactos do verbebo “Ensino Remoto” durante a pandemia do novo coronavírus.



#### 4. Análise dos Exemplos contidos nos Verbetes

Nossa análise vai propor ir além do gesto de sugestão de definição, trazendo exemplos que compõem no *Vocabulário*. Para tanto serão utilizados três exemplos de cada um dos verbetes, retirados de mídias jornalísticas, já recortados e publicados no *Vocabulário*. Os exemplos serão expostos respectivamente em (A, B, C) para “Educação a Distância” e (D, E, F) para “Ensino Remoto”, conforme segue.

Educação a Distância:

Exemplo A: “Essa experiência que a gente está tendo, remota, é completamente diferente da experiência EAD’, afirma o doutor em comunicação, Alexandre Kieling. Ele explica que a educação a distância, conhecida como EAD, tem uma metodologia bem programada desde o princípio.” (G1)<sup>7</sup>

Exemplo B: “O que essa crise mostra é como a educação presencial é fundamental’ [...], lembrando os meios limitados que dificultam a educação a distância no Brasil. ‘Tem a barreira da falta de acesso à internet, da falta de equipamentos, da falta de privacidade.’” (G1)<sup>8</sup>

Exemplo C: “O fechamento incentivou um sem-número de iniciativas, individuais ou institucionais, de mudar a oferta de cursos e disciplinas da modalidade presencial para algum tipo improvisado de educação a distância (EaD).” (Le Monde)<sup>9</sup>

Com a leitura dos exemplos nota-se que a EAD, mesmo já existindo antes da pandemia da covid-19 e tendo sua forma de ensino consolidada, quando usada de modo generalizado e improvisado, revelou diversas dificuldades em sua execução. Isso ocorreu, pois o ensino presencial demandava uma série de exigências que a Educação a Distância, por não ser programada para funcionar desta maneira, não conseguia dar conta.

Essas complicações, como o despreparo tecnológico e emocional, fizeram com que professores(as) e alunos(as) sentissem dificuldade de seguir os estudos em EAD e almejassem o retorno das aulas presenciais, forma a qual já estavam habituados antes de todo o transtorno causado pela pandemia. Algumas questões ficam em aberto: será que a educação que foi implementada às pressas durante a pandemia pode ser nomeada EAD? Já que não resgata as mesmas características... Como poderia ser nomeada a modalidade provisoriamente adotada em

---

<sup>7</sup> Cf. <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/04/15/educacao-a-distancia-em-tempos-de-pandemia-veja-relato-de-estudantes-e-professores-do-df.ghtml>

<sup>8</sup> Cf. <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/04/05/fechamento-de-escolas-durante-pandemia-fez-brasil-regredir-duas-decadas-em-materia-de-evasao-escolar-diz-unicef.ghtml>

<sup>9</sup> Cf. <https://diplomatieque.org.br/coronavirus-e-a-volta-as-aulas/>



todos os níveis de ensino em todo o Brasil durante a pandemia? Com certeza se diferencia da modalidade presencial, mas isso não faz dela uma EAD como já conhecíamos... Não nos cabe responder a estas questões, mas problematiza-las, indicando que há muitas alterações de sentidos sobre as palavras no período pandêmico e os dicionários não dão conta imediatamente disso.

Ensino Remoto:

Exemplo D: “Desde então, as famílias lidam com o desafio do ensino remoto, estabelecendo rotinas de estudo quando é possível, em meio às incertezas sobre o futuro e receios quanto ao recrudescimento do avanço do vírus no país.” (El País Brasil)<sup>10</sup>

Exemplo E: “As redes já vinham reportando que cerca de 30% dos adolescentes iam desistir de estudar por causa da sensação de que não aprendem no ensino remoto.” (El País Brasil)<sup>11</sup>

Exemplo F: “No momento em que a alta de mortes por Covid-19 no Brasil torna ainda mais complexas as discussões sobre volta às aulas presenciais, o ensino remoto continua a ser a rotina de muitas famílias — assim como não ter acesso à educação à distância continua a ser a realidade de grande parte da população mais vulnerável.” (BBC News Brasil)<sup>12</sup>

Os exemplos dos verbetes demonstram que o Ensino Remoto, mesmo idealizado para substituir o presencial durante a pandemia, deixou a desejar em diversos aspectos. As famílias sofreram com essa drástica mudança, já que muitos pais não tinham tempo e nem o conhecimento necessário para auxiliar seus filhos no processo de aprendizagem. Junto disso, a falta de acesso à internet impactou um grande número de estudantes, que acabaram se frustrando e abandonando os estudos.

As notícias em jornais e redes sociais mostram como a educação foi abalada durante a pandemia e, também, o despreparo do governo para lidar com tal situação. Essa série de fatores afetou fortemente as classes vulneráveis e ensinos infantis, que grande parte das vezes não suportaram tal cenário na educação. Sobre esta modalidade, surgem também algumas questões para refletir: O Ensino Remoto teria sido melhor se o governo tivesse um bom planejamento? Isso, levando em conta a situação educacional e social do país antes da pandemia... Os impactos causados na educação durante a pandemia irão deixar sequelas na vida escolar dos alunos(as) e

---

<sup>10</sup> Cf. <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-22/isaac-rafael-e-danilo-deviam-estar-na-escola-para-aprender-a-ler-de-casa-maes-assumem-a-funcao.html>

<sup>11</sup> Cf. <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-22/as-escolhas-que-fizemos-para-as-criancas-foram-terriveis-o-balanco-de-um-ano-de-ensino-remoto-no-brasil.html>

<sup>12</sup> Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56642352>



de seus familiares? Já que de fato a implementação às pressas do Ensino Remoto alterou de forma negativa a vida de muitas famílias... Como dito anteriormente, não nos cabe responder, mas indicar que há alterações de sentidos sobre estas palavras quando produzidas com relação ao período pandêmico. E certamente não passaremos impunemente por esse período e ainda teremos muito a refletir sobre.

## 5. Um olhar sobre os ditos e não-ditos

Orlandi (2012, p. 89) nos ensina que “De todo modo, sabe-se por aí que, ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam”, o que acreditamos estar presente no corpus que analisamos, pois são verbetes do *Vocabulário* e seus exemplos, nos quais é possível identificar os sentidos que se alteraram, bem como o que não está dito para que de fato fique silenciado (PETRI, 2020).

A partir desta breve análise dos exemplos presentes nos verbetes identifica-se uma série de fatores que tornaram a Educação a Distância e o Ensino Remoto difíceis, em algumas ocasiões até impossíveis. São práticas sociais diferenciadas e não servem com perfeição aos imediatismos que se estabeleceram a partir de 2020. Certamente há aproximações e distanciamentos entre esses modos de nomear a educação não-presencial, o que nosso estudo não se propôs esgotar.

Optamos por destacar alguns elementos que constituem sentidos nessa fase, dentre os quais podemos mencionar: a falta de habilidade dos professores com meios tecnológicos, a falta de tempo e conhecimento dos pais e, como um dos principais problemas, a falta de acesso à internet. Ou seja, as práticas sociais dependem das condições de produção e as práticas languageiras vão explicitar os sucessos e os fracassos vividos por cada grupo. Isso comparece no “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”.

Por outro lado, sentimos falta de uma abordagem mais ligada ao papel da escola, isso foi silenciado. Não é exposto nas mídias a importância do “ir para a escola” na vida de muitas crianças, que diversas vezes iam para fugir de um lar abusivo e violento, de condições de moradia precárias ou simplesmente para comer a sua única refeição do dia. Segundo Zibechi (2020, p. 32):

É necessário insistir em que o medo está circulando em maior velocidade que o coronavírus e que, ao contrário do que se faz crer, o principal assassino na



história da humanidade foi e é a desnutrição, como destaca uma imprescindível entrevista no portal *Comune-info*.

Nossa escola não tem essa responsabilidade, mas muitas vezes é interpelada a assumi-la: barrar a desnutrição total. A escola não parou, as crianças é que não foram mais à escola. De certa forma, a sociedade viu os professores como “privilegiados”, porque poderiam trabalhar a distância, o que silenciava os desafios que tal prática impôs a esse grupo social. Podemos ver que em um trecho do livro “Coronavírus e a luta de classes” é apresentada a visão de um dos autores sobre como a vida profissional tornou-se complicada durante a pandemia:

Aqueles com bons planos de saúde que também podem trabalhar ou ensinar de casa estão confortavelmente isolados, desde que sigam salvaguardas prudentes [...] Enquanto isso, milhões de trabalhadores com baixos salários, trabalhadores rurais, desempregados e sem teto estão sendo jogados aos lobos. (DAVIS, p. 9, 2020).

Lendo este trecho e unindo educação, vida pessoal e sociedade, nota-se que os problemas na saúde e no mercado de trabalho também acarretam em uma má aprendizagem. É uma soma de coisas que resultam em uma “bola de neve” de obstáculos. Pessoas com pouco ou até sem dinheiro não conseguem manter o bem-estar de sua família e conseqüentemente famílias sem saúde e sem alimentação, que ficam à mercê da violência, não têm condições de colocar a educação como prioridade.

Com isso, não podemos esquecer da série de não-ditos que o governo e a sociedade tentam silenciar, mas que são gritantes e precisam ser considerados. Como vivemos em “bolhas sociais” esses sentidos assustam à primeira vista, pois, muitas vezes, estão distantes da nossa realidade. Por isso, é na produção de trabalhos de pesquisa, quando somos instigados a olhar além do que está colocado, que conseguimos identificar o que está tentando ser silenciado. Sempre que algo é dito, algo fica funcionando como não-dito.

## 6. Considerações Finais

Os sentidos que explicitamos neste artigo são, de fato, incômodos, já que expõem mais um lado triste que a pandemia deixou. No entanto, é de suma importância escutar os discursos e sentidos que circulam no espaço social e midiático, os quais foram utilizados para as sugestões de definição dos verbetes (PETRI, 2021), que serviram como base para esta análise.



As lacunas que a covid-19 deixou na educação, identificadas e silenciadas discursivamente, contribuíram para a ampliação de problemas já existentes, como a fome e o abandono escolar. Esta situação precisa ser vista com maior atenção pelos olhos dos dirigentes deste país, pois a educação é a base de tudo, inclusive para a construção de um país melhor e mais justo.

Pesquisar e analisar estas questões fazem com que pensemos em possibilidades de um ensino mais igualitário, o qual torcemos que venha com o tão almejado retorno presencial, e que o “novo normal” traga consigo um espaço de mais aprendizagem. Nos resta desejar que tudo isso “vai passar”, um enunciado que segundo Esteves (2020, p. 69): “soa tão indolente e pacificador, coloca em cena a expectativa de um futuro melhor, e talvez a curto prazo, mas às custas de um presente/passado muitas vezes de terror.”

Para concluir este artigo fazemos um retorno a epígrafe do início do texto, na qual Petri (2020, p. 37) diz que uma palavra “pode ferir e pode curar”. Este sentido torna-se presente nos verbetes “Educação a distância” e “Ensino remoto”, pois estas formas de ensino despertaram sentimentos diferentes para cada sujeito nos tempos em que a pandemia vigorou no país. Para alguns, o Ensino Remoto foi tranquilo e fluíu bem e para outros foi um verdadeiro horror e motivou a desistência dos estudos.

## 7. Referências

- AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.
- BIAZUS, C. B. **Dicionário compartilhado: um encontro entre escrita, análise de discurso e psicanálise**. Curitiba, PR: Appris, 2019.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. São Paulo, SP: Editora Forense Universitária, 2009.
- DAVIS, M. A crise do coronavírus é um monstro alimentado pelo capitalismo. In DAVIS, M. et al. **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020.
- DOTOLI, G.; BOCCUZZI, C. **Définition et dictionnaire**. Paris: Hermann Éditeurs, 2012.
- ESTEVES, P. M. da S. “Fique em casa”, “Se puder, fique em casa”, “Se precisar sair, use máscara”: imperativos e condicionais de uma pandemia. In BAALBAKI, A.; SILVA, L. F. A. **Discursos da pandemia: entre dores e incertezas**. Campinas, SP: Pontes, 2020.



NUNES, J. H. **Dicionários no Brasil**: análise e história do século XVI ao XIX.

Campinas, SP: Pontes Editores; São Paulo, SP: Fapesp; São José do Rio Preto, SP: Fapesp, 2006.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PETRI, V. **A história das palavras e a dicionarização**: ditos e não-ditos em tempos de pandemia no Brasil do século XXI. Projeto de pesquisa, Santa Maria, RS, 2020.

PETRI, V. Algumas reflexões sobre o “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”: projeto em curso e discurso. In PETRI, V. et al. **Ditos e não-ditos**: discursos da, na e sobre a pandemia. Campinas, SP: Pontes, 2021.

PETRI, V.; SURDI, M. I.; SEVERO, R. (org.). **Vocabulário da pandemia do novo coronavírus**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

WINNER, L. Artefatos têm política? Tradução de Debora Pazetto Ferreira e Luiz

Henrique de Lacerda Abrahão. **Analytica**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 195-218,

[1986]

2017.

Disponível

em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/22470/12527>. Acesso em: 22 out. 2021.

ZIBECHI, R. Coronavírus: a militarização das crises. In DAVIS, M. et al. **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020.